

as questões metafísicas, econômicas e morais; Lênin transformou em realidade essas respostas por uma série de ações impecáveis. O comunista só tem que compreender e obedecer.

Com essas três judias ardentes discutem e bebem chá Sacha Kusmitch, o crítico de arte, fino e irônico, Marcus Avramovitch, o secretário do Comissariado das Finanças, e Ephraim Michalovitch, magro, veemente, com os olhos inflamados, cercados pela tuberculose. Rahel vai e vem no quatinho obscuro, como uma chama. Ela é esguia, tem grandes olhos de gazela. Sobre sua fronte uma ferida profunda, ainda fresca; uma cicatriz vermelha até as sobrancelhas. Rahel é comunista militante e implacável; mas sua boca sensual tem muitas perguntas que ultrapassam o comunismo e seu coração está inquieto.

O ar está por demais aquecido, cheio de gritos. Sacha Kusmitch levantou-se, excitado; grita com sua voz estridente:

— A arte proletária é aquela que exprime a consciência profunda do proletariado. Ela pode — e digo mesmo: ela deve — não ser compreendida ainda e amada pelos proletários. Por quê? Porque muitos poucos proletários têm a consciência nítida de sua classe. De seu canto, Dina levanta a cabeça, pálida:

— Sim, sim, Sacha Kusmitch, a arte proletária exprime a consciência profunda do proletariado; mas eis aqui justamente o grande problema angustiante: achar a nova forma da beleza. O símbolo, por exemplo, de nossa época industrial e materialista é a Fábrica. Eis a nossa nova catedral; ah! como pintar a Fábrica de uma maneira tal que se chegue a exprimir o seu sentido profundo, o espírito invisível, toda a alma dolorosa, mecanizada e valente de nossa época? O que fez a catedral medieval com sua flecha que se lança para fora da terra e se perde, bem pontuda, no céu? Ela exprimiu a tensão mística da alma cristã. Como, nós outros, exprimiremos a flecha ou a curva ou a linha horizontal de nossa alma de hoje?

Ephraim Michalovitch caçoa suavemente; sua voz ressoa sarcástica e triste:

— Pobres artistas! Vocês não compreendem então? Atravessamos uma época de transição; ela é muito interessante, mas muito ingrata. Não temos quase presente; nosso espírito só compreende o passado; nosso coração só aspira ao futuro! Nós somos, meus amigos, uma espécie intermediária, transitória, dos pitecantropos destinados a morrer sem vestígio. Por isso, alguns de nossos artistas nada compreenderam e querem exprimir a alma nova com velhos símbolos; os outros compreenderam, mas não acharam ainda a forma nova. Qual é o nosso dever? Preparar o caminho para a espécie nova, ajudá-la com nossas angústias e nossas buscas e atingir um grau de estabilização. Nosso destino é trabalhar e desaparecer.

Sacha Kusmitch responde com raiva:

— Você é muito otimista, você não compreende, Ephraim Michalovitch! Nossa época não é uma época de transição, ela é o começo de uma nova cultura!

— Ao contrário, ao contrário, Sacha Kusmitch, exclama Ephraim Michalovitch. Nossa época não é senão a exasperação da cultura precedente que se chama burguesa. O comunismo apenas leva às suas conseqüências mais extremas e mais lógicas alguns elementos essenciais da civilização ocidental; dois, sobretudo: a concepção materialista da vida e o culto da máquina. Eis por que chamo nossa época de fim e não de começo. Eis por que a arte verdadeira, a grande, não pode existir.

Os dois adversários inflamados se levantam, um contra o outro. Mas Dina se ergue, muito emocionada: ela diz, como se continuasse seus pensamentos secretos:

— Um artista pinta uma árvore de outono. Se este artista é verdadeiramente moderno, se é dilacerado pelos problemas terríveis de nossa época, está árvore deve exprimir toda a alma revoltada e sofredora de hoje. Se esta mesma árvore fosse pintada por um artista decadente, ela teria alguma coisa de estético, de delicado e de mórbido. Cada folha de uma árvore reflete nos olhos de um verdadeiro artista toda a sua época.

Li uma vez algumas palavras sublimes de um velho religioso: Um asceta, de pé, diante de sua cela, levava à luz uma folha de árvore; ele a olhava, e as lágrimas corriam de seus olhos. Alguém lhe pergunta: "Mas por que choras, meu pai? O que vês nesta folha?" O asceta respondeu: "Eu vejo Jesus Cristo crucificado. Eu vejo toda a humanidade que sofre." Eis como um artista verdadeiro deve ver, hoje, cada folha.

Dina cai no divã, esgotada. Markus Avramovitch começa a rir:

— Você me recorda o pobre filósofo do barco. Ele diz ao seu barqueiro: "Sabes filosofia? — Não. — Não? Então perdeste a metade de tua vida". Pouco depois começa, uma violenta tempestade. "Ei, filósofo, grita o barqueiro, sabes nadar? — Não. — Não? Perdeste a tua vida toda!"

"Eu escuto vocês discutirem sobre a arte e a beleza e sobre as folhas de outono. Pobres filósofos! Mas só há atualmente um único problema na U.R.S.S.: viver! Vocês estão cegos então? Andamos à beira de um abismo. A NEP deu seus dois frutos envenenados, previstos por Lênin: Nepman, kulak. É preciso atacá-los até a morte. Mas é perigoso; todo o barco poderia soçobrar: nossas cooperativas não estão ainda em condições de substituir o Nepman nem nossos coletivos o kulak. Deixem as suas filosofias, camaradas, e ajudem-nos! A arte proletária! Ela não nascerá de suas discussões, mas do triunfo definitivo do proletariado. Desçam às fábricas, visitem os canponeses! Avancem um pouco, camaradas, empurrem o futuro! A tempestade se ergueu, deixemos a filosofia: nademos!

A voz estridente de Sacha Kusmitch faz-se ouvir de novo: